

## Conexão Amazônia-Espírito Santo

AJ00433-L Instituto João dos Santos Neves Biblioteca

# DA JUTA À SACCA DE CAFÉ

A cadeia produtiva do nosso mais importante produto agrícola não tem início

**LEONARDO SOARES**

lgsoares@redgazeta.com.br

■ São seis décadas dedicadas ao cultivo de fibras vegetais na Amazônia. Aos 73 anos, Francisco de Assis Baxote sustentou uma família de dez filhos plantando juta e malva às margens do Rio Solimões, em Manacapuru, em plena floresta Amazônia, a 82 km de Manaus, capital do Amazonas. Seu Francisco não sabe, mas seu trabalho é decisivo para uma das principais atividades da economia capixaba.

Em suas mãos, no Norte do país, começa um ciclo produtivo que passa pelo Porto de Vitória e desemboca em mercados do mundo inteiro. As mudas de juta e de malva plantadas na propriedade de Seu Francisco e nas de outras 15 mil famílias da Amazônia são a matéria-prima para sacas que embalam o café.

O processo, acompanhado de perto pela redação multimídia da Rede Gazeta durante cinco dias, tem início ainda em Manacapuru. Cada agricultor planta as sementes às margens do rio e espera até que a juta atinja tamanho suficiente para ser cortada.

Depois, as plantas são levadas para dentro do rio e a fibra é retirada do caule e posta para secar. Em seguida, segue em

fardos para a filial da Companhia Têxtil de Castanhal (CTC), onde é prensada.

A partir daí, todo o resto do processo é desconhecido para Francisco de Assis, que planta juta há 60 anos e ainda não viu o produto final que ajuda a fazer. "Eu planto, vendo a fibra, mas não sei o que dá depois. Ouvi dizer que vira estopa e telhado de casa. É verdade?", pergunta, curioso.

## INDÚSTRIA

Os fardos seguem de balsa de Manaus até o Pará, onde fica a fábrica de juta da CTC. Ainda na fábrica da CTC os fios são tecidos, costurados e pintados com o selo Cafés do Brasil.

As sacas de café vendidas para o Espírito Santo vêm em caminhões com destino às exportadoras do produto. Dos portos capixabas, o café embalado nas sacas de juta leva o nome do Brasil para o Oriente Médio e a Ásia, entre outros.

Enquanto isso, Seu Francisco de Assis continua semeando a terra, agora com a ajuda dos netos. Com o auxílio de uma bengala, ele fiscaliza todas as etapas do cultivo, safra após safra, à beira do Solimões, em Manacapuru.

**O repórter viajou a convite da CTC**



AG 00433-2 Instituto Jones dos Santos Neves Biblioteca

# FÉ, A CARA DE UM PAÍS

só nas lavouras capixabas. Veja por que ela também começa lá na Amazônia

FOTOS DE LEONARDO SOARES E DIVULGAÇÃO

“Eu planto e vendo a fibra, mas não sei o que dá depois. Ouvi dizer que vira estopa e telhado de casa. É verdade?”

“Antigamente o quilo da fibra pagava o de açúcar. Agora não dá mais. Se a gente for atrás de preço, a gente não trabalha”

**FRANCISCO DE ASSIS BAXOTE**

73 ANOS, AGRICULTOR DE MANACAPURU, NA AMAZÔNIA

## A rota da juta

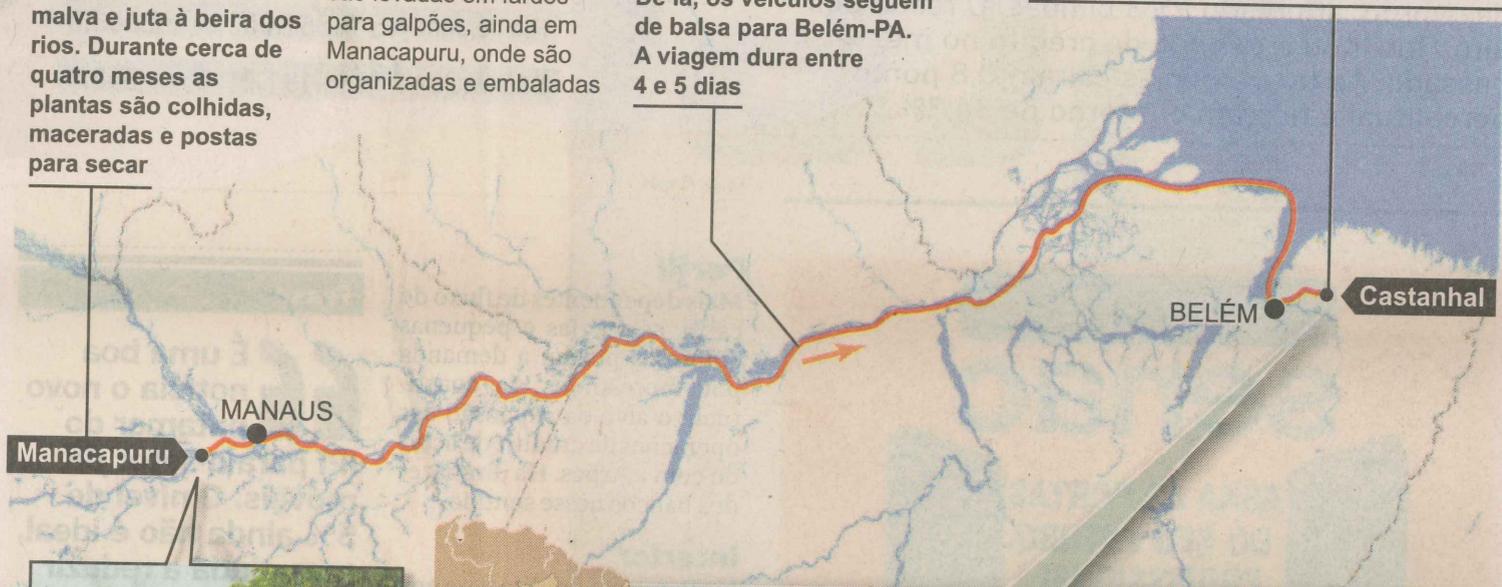
Veja o caminho da fibra vegetal

■ O trajeto começa em Manacapuru-AM, onde as famílias cultivam malva e juta à beira dos rios. Durante cerca de quatro meses as plantas são colhidas, maceradas e postas para secar

■ De barco, as 'cascas' de juta e malva já secas são levadas em fardos para galpões, ainda em Manacapuru, onde são organizadas e embaladas

■ Os fardos vão de caminhão até Manaus. De lá, os veículos seguem de balsa para Belém-PA. A viagem dura entre 4 e 5 dias

■ Já no Pará, as carretas levam a fibra até a fábrica de sacarias de juta em Castanhal, que fica a uma hora de Belém



■ Na fábrica a juta é tratada, transformada em fios e tecida, dando forma às sacas de café

■ Os sacos já prontos, após comercializados, são trazidos por caminhões até o destino final, no caso o Espírito Santo

■ O café é embalado, chega aos portos e para os países compradores do produto dentro das sacas de juta





1) Durante três meses, entre julho e setembro, os agricultores de Manacapuru aproveitam o terreno úmido e plantam alimentos para consumo próprio e a fibra, à medida em que a maré recua. Não é feito nenhum tipo de adubação ou enriquecimento do solo.



2) Até o final do período de três meses as primeiras mudas já atingem o grau de maturação necessário para o corte, quando estão com aproximadamente três metros de comprimento. As plantas são cortadas na base e separadas para a próxima etapa.



3) Depois de cortada, a juta é levada para dentro do rio, onde fica pelo período entre dez e 12 dias para amolecer. Em seguida, os agricultores retiram a fibra por inteiro do caule da planta. O processo de separação da fibra é chamado de maceração.



4) Após a maceração, toda a fibra recolhida é pendurada em uma espécie de varal e leva mais quatro ou cinco dias para secar. Depois o produto é guardado em um paiol, é separado por fardos e fica à espera dos barcos que passam em cada comunidade recolhendo a produção.

# Como funciona o comércio da fibra

## Os acordos são feitos entre agricultores e empresa, que repassa as sementes em troca da fibra produzida

■ Para que a população ribeirinha tenha condições de permanecer nas terras e se sustentar, boa parte das famílias adota o cultivo de juta e de malva, que é garantia de comércio com as empresas da região.

O valor atual do quilo de fibra bruta, estabelecido pelo Governo do Amazonas, é de R\$ 1,20. Mas o preço praticado pelas empresas é de R\$1,50 por quilo, para fidelizar fornecedores e incentivar o aumento da produção.

Como os produtores não têm condições de pagar pelas sementes, elas são repassadas pela própria empresa. Em troca, o agricultor tem o compromisso de vender de volta à indústria a fibra produzida com essas sementes.

Para as empresas que fabricam produtos derivados de fibras vegetais, o custo do quilo é R\$ 1,80, contando com o transporte até a fábrica. No mercado do café, cada saco pronto, com o frete incluso, custa R\$ 3,80.

Segundo o diretor comercial da Companhia Têxtil de Casta-

nhal (CTC), Ilton Sagioro, somente o mercado interno - principalmente o setor de café - já consome toda a produção nacional de fibra. O resto é importado de acordo com a necessidade.

“Não temos mais produto hoje. Precisamos importar fibra de Bangladesh. E aí entram todos os custos de importação que, querendo ou não, são repassados para os nossos clientes. Esse é o nosso maior desafio”, alertou.

### PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO

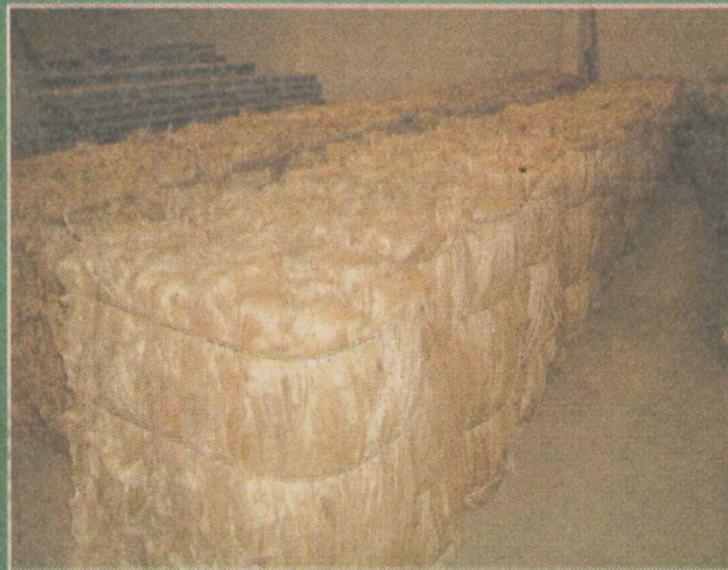
A produção anual de juta é de 12 mil toneladas. Desse total, 10 mil toneladas são utilizadas no mercado interno. De toda a juta produzida, 50% dos fios viram sacos de café (1 milhão e 200 mil sacos por mês), 27% sacos de batata e 6% se dividem entre sacos menores de amendoim, cacau, castanha, fumo e minério.

O restante é utilizado no setor da construção civil, decoração e artesanatos como telas, bolsas, tecelagem e tapetes.

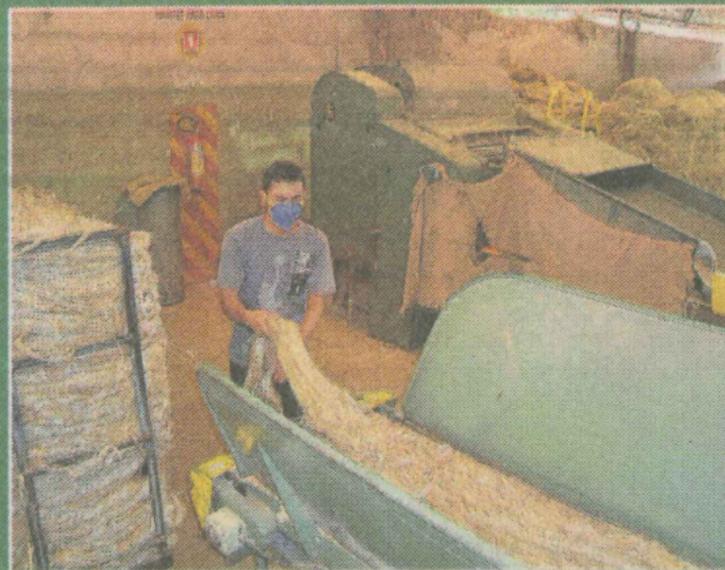
 **VEJA NA WEB**  
Galeria de fotos e vídeos desta reportagem no [gazetaonline.com.br](http://gazetaonline.com.br)



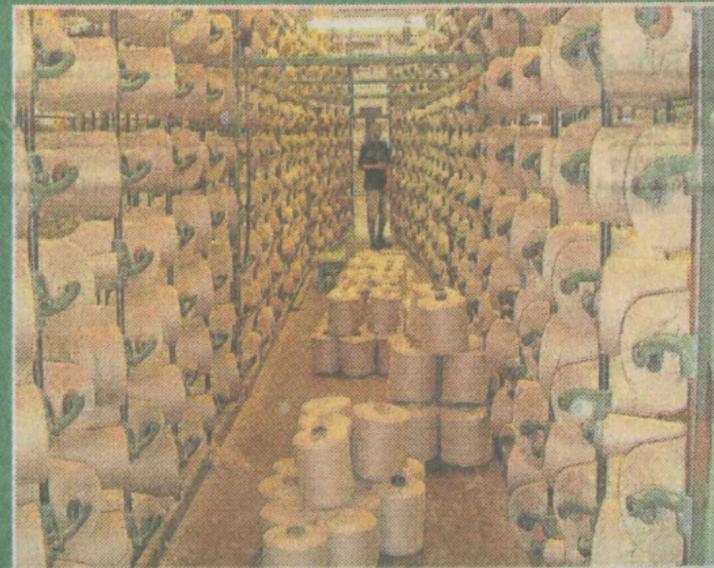
**IMPORTAÇÃO.** Parte da fibra usada na fabricação precisa ser importada de Bangladesh. Como resultado, custos de produção repassados para os clientes



5) Já nos depósitos da fábrica de sacas, ainda em Manacapuru, a fibra bruta é padronizada em fardos maiores, de 200 quilos, e levada dentro de caminhões em balsas de Manaus até Belém do Pará, onde segue para a fábrica de juta, que fica em Castanhal, no Pará.



6) Na fábrica, os fardos são separados por tamanho, ganham óleo vegetal e passam por várias esteiras e "pentas" que limpam e aproximam os fios de fibra. O processo industrial é responsável por fortalecer a matéria-prima e criar os fios de juta.



7) Em carretéis, os fios já podem ser vendidos, dependendo da necessidade do cliente. Mas, para fabricar sacas de café e tecidos decorativos, os fios continuam na linha de produção, agrupados em rolos. Eles passam por novas esteiras que engomam e tecem as sacas.



8) O tecido das sacas de café é feito com tramas menos espaçadas e mais resistentes, com capacidade para 60 quilos. Depois de cortados, os sacos são costurados e pintados com o selo Café do Brasil. Assim já estão prontos para levarem o café para o exterior.